



Co-funded by
the European Union

JUNHO 2025

DELIVERABLE 2.5

Guia de Visitas Participativas a
Explorações Sustentáveis
Versão Portuguesa



GROW
LIFE

Document information sheet

Project Acronym	LIFE21-GIC-PT-GrowLIFE
Project Name	An integrated approach to promote sustainable food systems via behavioral changes cross-fostering all parties involved
Grant Agreement number	101074425
Document	Guia de Visitas Participativas a Explorações Sustentáveis
Work package number and title	WP2 – Participatory Visits to Sustainable Farms
Deliverable number	D 2.5
Dissemination level	Public
Due date	21/07/2024
Version / date	v1.0 / 27/07/2025

Executive Summary

Este guia apresenta as Visitas Participativas a Explorações Sustentáveis como uma abordagem valiosa para o reforço da agricultura sustentável através da aprendizagem entre pares e do envolvimento comunitário. Com base nas experiências do projeto GrowLIFE em Portugal continental, este documento oferece recomendações práticas sobre como estas visitas podem fomentar a troca de conhecimentos entre agricultores e atores locais, como organizações de consumidores, autarquias e redes de produtores.

Perante desafios urgentes como as alterações climáticas, a perda de biodiversidade e a degradação dos solos, as Visitas Participativas constituem uma oportunidade para promover práticas agroecológicas enraizadas em experiências reais e adaptadas às realidades locais. Estas visitas sublinham a importância da aprendizagem coletiva, do conhecimento tradicional e da cooperação na transição para sistemas alimentares mais resilientes e sustentáveis.

Ao partilhar as ferramentas e lições aprendidas com a implementação das Visitas Participativas no âmbito do GrowLIFE, este guia apoia outros atores que pretendam promover iniciativas semelhantes, em alinhamento com prioridades da UE, como o Pacto Ecológico Europeu e a Estratégia do Prado ao Prato.

ÍNDICE DE CONTEUDOS

<i>Lista de Acrónimos</i>	3
<i>Glossário</i>	4
<i>Prefácio</i>	5
<i>Introdução</i>	7
1. O que são as Visitas Participativas?	8
2. Organização de visitas participativas	9
2.1 Porquê organizar visitas participativas?	9
2.2 Planear uma Visita Participativa – Considerações Gerais	9
2.3 Logística e segurança	12
3. Elementos e critérios de segunda ordem (mas pertinentes) para o planeamento de visitas participativas	13
3.1 Sugestões para o pessoal encarregado de orientar a visita (agricultor anfitrião e facilitador(és)).	13
3.2 Considerações das partes interessadas	14
3.3 Lista de sugestões para visitas participativas	14
4. Acompanhamento e verificação: métodos de avaliação da qualidade das visitas	16
4.1 Inquéritos aos visitantes	16
4.2 Inquéritos pós-visita	16
4.4 Entrevistas com os principais visitantes	19
4.5 Feedback entre anfitriões e guias.....	19
4.6 Avaliação interna da equipa	21
4.7 Reuniões regulares.....	22
5. Ejemplos de programas de visitas participativas	24
6. Recursos adicionais	26
6.1 Organizações que promovem a sustentabilidade.....	26
6.2 Ligações a plataformas de turismo sustentável	26
6.3 Materiais didáticos para aprofundar a compreensão das práticas sustentáveis	26
7. Referências bibliográficas	28
8. Anexos	30

Lista de Acrónimos

AECID: Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento

ATTRA: Transferência de Tecnologias Apropriadas para as Zonas Rurais

BIO: Biodigestor Operacional Integrado

BPA: Boas Práticas Agrícolas

ET: Avaliação Técnica

FAO: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura

UNWTO: Organização Mundial do Turismo

PAE: Programa de Agricultura Biológica

VP: Visitas Participativas

Glossário

Agricultura sintrópica: A agricultura sintrópica (também conhecida como agrofloresta sucessional) é uma forma regenerativa de cultivo desenvolvida por Ernst Gotsch. A sintropia imita os processos de regeneração natural dos ecossistemas florestais, integrando princípios de sucessão ecológica, estratificação vertical e cooperação entre espécies, aumentando a produção e regenerando o solo e a agroecossistema.

Agroecologia: Constitui uma abordagem holística e integrada que articula simultaneamente princípios ecológicos e sociais na conceção e gestão de sistemas agrícolas e alimentares sustentáveis. Os seus objetivos são (a) otimizar as interações entre plantas, animais, seres humanos e o ambiente, e (b) construir sistemas alimentares socialmente justos, nos quais as pessoas possam decidir livremente o que consomem, e onde e como são produzidos os seus alimentos. A agroecologia é ciência, prática e movimento social. Nas últimas décadas, evoluiu de uma perspetiva centrada no domínio produtivo – a agroecossistema – para uma visão mais ampla que abrange todo o sistema alimentar. Atualmente, configura-se como um campo transdisciplinar que integra dimensões ecológicas, socioculturais, tecnológicas, económicas e políticas, desde a produção até ao consumo. (Adaptado de FAO, 2018)

Agroecossistema: Um sistema ecológico modificado e gerido pelo homem, cujo principal objetivo é a produção agrícola. Por outras palavras, é um ecossistema no qual as componentes bióticas (como as plantas, os animais, e os microrganismos) e os componentes abióticos (como o solo, a água e o clima) se combinam para produzir alimentos, fibras e outros produtos agrícolas.

Práticas agroecológicas: Técnicas sustentáveis que otimizam os recursos, melhoram a fertilidade dos solos e conservam a biodiversidade, reduzindo o impacto ambiental. Incluem a rotação de culturas, os fertilizantes orgânicos e o controlo biológico de pragas.

Soluções baseadas na Natureza (SbN): Abordagens que aproveitam os processos naturais e os serviços dos ecossistemas para enfrentar os desafios ambientais, sociais e económicos. Isto implica proteger, restaurar e gerir de forma sustentável a natureza, obter benefícios múltiplos e cuidar dos recursos naturais. Na sua essência, estas soluções permitem sistemas mais resilientes e sustentáveis.

Prefácio

Caros Leitores,

Temos o prazer de vos dar as boas-vindas a este guia, concebido para fortalecer os laços entre agricultores e comunidades através de visitas participativas (VP) que promovam o compromisso com a agricultura sustentável nos diferentes territórios do país. No projeto GrowLIFE, acreditamos firmemente que o futuro da agricultura e da alimentação depende de uma colaboração ativa entre todos os atores envolvidos, sendo central, neste sentido, o papel dos agricultores na preservação e garantia da soberania alimentar dos territórios.

A União Europeia (UE) enfrenta uma significativa perda de biodiversidade nas paisagens agrícolas, resultado de práticas intensivas que impactam negativamente as populações de insetos polinizadores e aves. A degradação do solo, causada por erosão, compactação e contaminação, compromete a capacidade produtiva e a estabilidade ecológica. Além disso, a agricultura representa cerca de 10% das emissões de gases de efeito estufa, principalmente devido à gestão do solo e ao uso de fertilizantes sintéticos.

As alterações climáticas estão a intensificar fenómenos meteorológicos extremos, afetando a agricultura europeia e, especificamente, a produtividade em Portugal. Nesse contexto, a promoção da sustentabilidade agrícola é essencial para garantir segurança alimentar e apoiar o bem-estar das comunidades rurais. A UE reconheceu essa necessidade, implementando regulamentações que equilibram a produção agrícola com a conservação da biodiversidade.

Neste contexto, é urgente promover a sustentabilidade dos sistemas alimentares. A Política Agrícola Comum (PAC) introduz incentivos para práticas agroecológicas, como rotação de culturas e conservação do solo, visando melhorar a estrutura do solo e reduzir a erosão. Iniciativas como o Pacto Verde Europeu e a Estratégia do Prado ao Prato buscam reduzir as emissões associadas ao transporte de produtos agrícolas e promover práticas mais sustentáveis.

O projeto GrowLIFE pretende promover práticas agrícolas sustentáveis e a criação de espaços de aprendizagem coletiva, ajudando agricultores a adotar medidas ecologicamente sustentáveis que não comprometam sua viabilidade económica. Esta guia metodológica, desenvolvida com agricultores, visa transmitir conceitos para facilitar encontros sobre práticas sustentáveis, promovendo diálogo e conscientização.

Agradecemos aos agricultores que compartilham seus conhecimentos e a todos os participantes dispostos a aprender e contribuir. Juntos, podemos ser agentes de mudança na transição para um sistema agroalimentar mais justo, inclusivo e sustentável em Portugal.

Obrigado por fazer parte desta iniciativa!

Esperamos que este guia contribua e motive todos aqueles que desejam valorizar os seus conhecimentos e transmiti-los aos seus pares.

Com apreço,

Prof. Sara Magalhães

Coordenadora do GrowLIFE ,

Centre for Ecology, Evolution
& Environmental Changes,

Universidade de Lisboa

Dr. Cláudia Barrera-Salas

GrowLIFE Post-Doctoral Researcher,

Centre for Ecology, Evolution
& Environmental Changes,

Universidade de Lisboa

Introdução

Na região mediterrânica europeia, as paisagens agrícolas são diversas e resultam de séculos de interação entre homem e ambiente. No entanto, esses ecossistemas enfrentam desafios como escassez de água e perda de biodiversidade, exacerbados pelas alterações climáticas.

A agricultura é sistema complexo, que envolve conhecimentos, práticas e relações entre agricultores, comunidades e outros atores locais. A transformação deste sector exige o fortalecimento das redes de aprendizagem e de interação. Neste sentido, a adoção de práticas agrícolas sustentáveis requer espaços onde os produtores possam trocar as suas experiências e conhecimentos e aceder a novas estratégias para melhorar a sustentabilidade dos seus sistemas de produção.

As visitas participativas são uma estratégia inovadora e eficaz para promover a aprendizagem pela prática e a partilha de conhecimentos. Consistem em reuniões organizadas entre agricultores e atores-chave no território - tais como representantes municipais, organizações de consumidores ou grupos de produtores - que se reúnem na exploração de um agricultor/anfitrião. Baseiam-se na prática, no diálogo aberto e na aprendizagem mútua entre os agricultores e as partes interessadas locais. Esta abordagem promove um intercâmbio horizontal de conhecimentos, em que os agricultores não só adquirem novas técnicas e metodologias, mas também partilham os seus conhecimentos, que refletem o contexto local e são uma expressão da memória biocultural dos territórios. Essa memória inclui conhecimentos, práticas e valores desenvolvidos ao longo do tempo, integrando saberes tradicionais e experiências coletivas na gestão dos agrecossistemas e da biodiversidade.

As visitas participativas são concebidas para abordar desafios específicos, como a sustentabilidade, a gestão eficiente dos recursos ou a adoção de novas tecnologias, através de exemplos concretos e reais. Isto ajuda a estimular a transição agroecológica e reforça a ligação entre o conhecimento ancestral e as inovações atuais, promovendo sistemas de produção mais resilientes e em harmonia com o território.

A essência desta metodologia reside no seu carácter prático e colaborativo. Permite que os agricultores observem diretamente as soluções implementadas, encorajando a adoção de boas práticas e estimulando a inovação nas suas explorações. Além disso, essas visitas fortalecem redes locais e criam um ambiente de enfrentamento coletivo dos desafios. Estas visitas permitem aos agricultores partilhar soluções adaptadas às condições específicas do clima mediterrânico, tais como técnica da utilização da água, estratégias de conservação dos solos e a diversificação das culturas. Ao abordar questões específicas da região mediterrânica europeia, as visitas participativas estão a contribuir para a transição para sistemas agrícolas mais sustentáveis, inovadores e resilientes.

1. O que são as Visitas Participativas?

Trata-se de visitas de campo, realizadas em explorações agrícolas de "referência", com o objetivo de divulgar diversas práticas de gestão sustentável dos recursos naturais, integradas em sistemas agrícolas, florestais e de gestão animal. O principal objetivo destes eventos é que os agricultores, atores-chave e participantes em geral, possam aprender práticas sustentáveis, de forma a implementá-las nas suas produções, promovendo a transição para sistemas agroalimentares mais ecológicos, com uma baixa pegada ecológica nos territórios.

Estas visitas podem ocorrer tanto em explorações convencionais, explorando oportunidades de transição para modelos mais sustentáveis, como em explorações que já têm práticas sustentáveis, a fim de aprofundar a sua implementação.

As visitas participativas fazem parte de um processo iterativo de aprendizagem conjunta (entre pares e/ou agricultores), que procura validar a experiência e o conhecimento dos agricultores que realizaram processos de transição para sistemas de produção sustentáveis, com a utilização de técnicas de produção limpas, tais como:

- a) Redução e/ou eliminação dos pesticidas de síntese.
- b) Técnicas de gestão e conservação do solo para reduzir a erosão eólica e hídrica.
- c) Produção de biopreparações ecológicas para a gestão de pragas e doenças.
- d) Incorporação da diversidade funcional na conceção e planeamento das culturas.
- e) Gestão do coberto vegetal como adubo verde.
- f) Sistemas de vendas locais.
- g) Gestão dos resíduos orgânicos e não orgânicos.

Além disso, um dos objetivos das visitas participativas é envolver ativamente os participantes na aprendizagem sobre a conservação dos recursos naturais e a gestão sustentável com práticas agroecológicas, bem como introduzir conhecimentos sobre a forma como estas últimas contribuem para a transição agroecológica das agroecossistemas de trabalho.

Um dos principais pontos fortes das visitas participativas é a sua conceção, que integra metodologias participativas orientadas pelos facilitadores, com a colaboração direta dos anfitriões da atividade.

A adoção destas metodologias permite a integração de atividades dirigidas aos consumidores, para a criação de redes e sensibilização, promovendo o consumo e os mercados locais. Desta forma, as visitas não se destinam apenas aos agricultores, mas integram também outros atores territoriais.

2. Organização de visitas participativas

2.1 Porquê organizar visitas participativas?

As visitas participativas têm múltiplos benefícios, tanto para os anfitriões como para os visitantes. Um dos mais proeminentes é o da educação ao ar livre, no campo e em interação direta com os agricultores. Esta característica faz das visitas um espaço de partilha de conhecimentos práticos e experiências reais sobre agricultura, oferecendo uma aprendizagem que transcende a teoria e se centra em soluções aplicáveis.

Os agricultores anfitriões podem ensinar técnicas específicas que tenham implementado com sucesso, como a gestão de culturas de vários tipos, métodos de irrigação adaptados às características do solo e estratégias naturais de controlo de pragas e doenças. No campo, podem também demonstrar a preparação e utilização de fertilizantes orgânicos, a conceção de sistemas agroflorestais e a integração de práticas sustentáveis, que aumentam a produtividade sem comprometer o ambiente e tirando o máximo partido das condições existentes no seu meio.

Outro benefício destes eventos é que promovem a aprendizagem coletiva, onde os participantes têm a oportunidade de trocar ideias, fazer perguntas e discutir abordagens inovadoras para desafios agrícolas comuns. As visitas participativas também ajudam a reforçar a ideia de que a educação é um pilar para a construção de sistemas agrícolas mais resilientes, sustentáveis e ligados à comunidade. Promovem também o consumo consciente e responsável, uma vez que estas experiências informam os visitantes sobre a origem dos alimentos que consomem e os processos envolvidos na sua produção. Ao observar diretamente a forma como os produtos são cultivados, os visitantes podem apreciar o trabalho agrícola e o valor do consumo local, sazonal e sustentável. Essa tomada de consciência que pode contribuir, a longo prazo, para promover redes de distribuição curtas. Por último, as visitas sensibilizam para os custos reais da produção agrícola, salientando a importância de um pagamento justo aos agricultores e da redução do desperdício alimentar. Realçam também a importância de trabalhar para uma economia circular que beneficie todos. A partir das visitas, a compra é entendida como um ato consciente de solidariedade.

2.2 Planear uma Visita Participativa – Considerações Gerais

NOTA: É essencial fazer o registro de toda a atividade. No dia da atividade ter uma lista de presenças e assinaturas, onde os participantes podam assinar e autorizar fotografias e receber informações relevantes sobre o projeto e/ou atividade após a visita participativa.

- a. A primeira coisa a fazer é **definir claramente os objetivos** educativos da atividade, em função dos aspetos mais importantes da exploração e do que se pretende mostrar. Isto implica identificar processos ou técnicas agrícolas representativos e relevantes a destacar para os visitantes. É essencial dar prioridade a atividades significativas que sejam práticas, garantindo que os visitantes adquiram conhecimentos úteis e aplicáveis. Os interesses e níveis de conhecimento do

público-alvo também devem ser considerados para personalizar os tópicos da visita e garantir uma experiência enriquecedora.

- b. **O itinerário da atividade** deve ser **concebido** de forma a proporcionar uma experiência organizada, educativa e envolvente. O desenho do passeio deve incluir paragens-chave, destacando as áreas mais relevantes da exploração agrícola, para que os agricultores e os participantes possam fixar "ideias-chave" para a apropriação do conhecimento e a sua incorporação nas práticas agroecológicas.

As atividades devem ser participativas e práticas. Alguns exemplos incluem workshops de sementeira e colheita ou demonstrações sobre a utilização de ferramentas agrícolas e a preparação de fertilizantes orgânicos. É também importante integrar conteúdos pedagógicos, como painéis informativos e guias impressos, que complementem o trabalho educativo levado a cabo pela equipa organizadora. Sugere-se a o uso de material que minimize o impacto ambiental da visita, incluindo a gestão adequada dos resíduos, a utilização responsável da água e da energia e a promoção de práticas que respeitem a biodiversidade local. Isto não só reforça a mensagem educativa, como também torna a visita um exemplo tangível de sustentabilidade.

- c. A **calendarização** de uma visita participativa é fundamental, dado pode definir o seu sucesso. Depende de fatores como a sazonalidade, as condições climáticas e a disponibilidade de recursos na exploração. Embora seja aconselhável visitar as explorações durante o período de maior atividade agrícola, ou seja, na primavera e/ou no verão, este não é geralmente o momento ideal para os agricultores, uma vez que a elevada procura de trabalho e a sua dependência da estação para a colheita e as entregas não lhes permite estar totalmente disponíveis para a experiência.

Idealmente, as visitas participativas devem ser programadas em períodos de baixa atividade agrícola para permitir a disponibilidade total dos agricultores e a observação do ciclo agrícola desde as suas fases iniciais. Assim, as épocas mais adequadas para a visita são o fim do verão, ou durante o outono e o inverno. Em alguns casos, o período ideal pode ser alargado até ao início da primavera, em função das características do território onde a visita terá lugar.



Figure 1: Datas Ideais para as VOs

No final do verão e no outono, é possível observar o fim das colheitas, a preparação do solo, a transplantação das culturas, os trabalhos do calendário anual, o planeamento das culturas, a sementeira de adubos verdes e a incorporação de restolho; enquanto, durante o inverno, é possível observar e realizar práticas de poda, enxertia e sementeira, entre outras.

Durante o outono, o inverno e o início da primavera, o ideal é efetuar as visitas de manhã, com uma duração máxima de cinco horas. Desta forma, evita-se o frio e a humidade excessivos e assegura-se que os produtores e as instalações estão totalmente preparados para receber o grupo. Se a atividade se realizar no final do verão, é preferível fazer a visita ao fim da tarde.

- d. É importante ter em conta a **disponibilidade de materiais e recursos** necessários para a realização das atividades planeadas, incluindo ferramentas, equipamento de proteção, fornecimentos e material didático. É aconselhável elaborar uma lista pormenorizada dos recursos a utilizar e colocá-la à disposição da equipa organizadora. Um planeamento adequado do calendário e dos recursos garante que a visita decorra sem problemas, seja pertinente e enriquecedora tanto para os organizadores como para os participantes.
- e. A **escolha adequada dos locais onde se realizarão as atividades** é fundamental para garantir a segurança, o conforto e a eficácia da visita. Devem ser tidos em conta os seguintes locais:
 - i. **Área de projeção de conteúdos** (apresentação de PPT): prever cadeiras, acesso à corrente elétrica, e equipamento para projetar uma apresentação da atividade, programa, fotografias, etc.
 - ii. **Zona de alimentação**: Neste local devem estar disponíveis café, bebidas, água, almoço e/ou alimentos em geral. Recomenda-se também que este espaço seja propício à interação entre as pessoas, de modo a facilitar a troca de ideias.
 - iii. **Área do percurso e atividades práticas**: O percurso deve ser previamente estudado e percorrido com o agricultor antes da atividade. Deve realizar-se em espaços que permitam uma circulação cómoda contemplando áreas com uma largura que permita facilmente acomodar o grupo e deve ser incorporada sinalética adequada ao longo do percurso, como setas, sinais, indicações de pontos de lixo, sinais que indiquem zonas proibidas e zonas de cuidado, etc. (Ver Anexo). É também necessário dispor de materiais explicativos nos pontos onde serão feitas paragens específicas para o desenvolvimento de atividades práticas. Por exemplo, numa paragem para realizar uma atividade prática relacionada com a compostagem, devemos dispor de materiais pedagógicos e didáticos que expliquem em que consiste este procedimento, quanto tempo demora, o ciclo, os passos a seguir, etc.
 - iv. Finalmente, devemos conhecer as necessidades dos participantes tais como limitações de mobilidade, de modo a proporcionar um espaço inclusivo para a visita, em todos os sentidos. Deve ainda ser dada prioridade à segurança das pessoas, dos espaços e dos animais, para garantir uma experiência

segura e confortável para todos os participantes, maximizando simultaneamente o impacto educativo da visita.

2.3 Logística e segurança

Um passo crucial na organização de visitas participativas é assegurar que os aspetos logísticos são cuidadosamente planeados para garantir uma experiência suave e acessível.

Se a equipa organizadora é responsável pelo transporte dos participantes para a exploração agrícola, devem ser disponibilizados veículos partilhados a partir de pontos de encontro próximos. Se os participantes se deslocarem para o local por conta própria, é importante que a organização se certifique de que a sinalização ao longo do caminho é clara.

Deve também ser considerada a acessibilidade verificando a existência de caminhos nivelados ou alternativas que permitam a plena participação de todos nas atividades. Outros fatores logísticos, como a disponibilidade de áreas de estacionamento, casas de banho limpas e áreas de descanso, devem também ser previstos para garantir o conforto e a satisfação dos visitantes. Uma boa execução técnica fortalece a imagem da operação e reforça a confiança dos participantes.

Cada tipo de exploração tem particularidades que devem ser consideradas no planeamento das visitas. Assim, nas explorações agrícolas, é essencial proteger as culturas de possíveis danos que possam ocorrer durante a visita, estabelecendo limites claros para a circulação dos visitantes e sinalizando as zonas sensíveis, como as parcelas recentemente semeadas ou experimentais. Nas explorações pecuárias, é necessário garantir o bem-estar dos animais, regulando o acesso a determinadas áreas e explicando as regras básicas de interação com os animais, enquanto nas explorações mistas as atividades devem ser concebidas de forma a equilibrar as dinâmicas agrícolas e pecuárias, garantindo que cada elemento recebe a atenção adequada sem comprometer a segurança global.

Deve ainda ser efetuada uma avaliação de riscos ambientais ou práticas potencialmente perigosas, como a utilização de maquinaria pesada. Deve estar disponível um kit de primeiros socorros.

É necessário garantir que as atividades respeitam as leis locais e promovem práticas sustentáveis, como a gestão adequada dos resíduos e a proteção dos recursos naturais. É igualmente essencial tornar visível o impacto positivo na biodiversidade local, minimizando a perturbação de habitats sensíveis. Ao integrar a segurança e os cuidados ambientais em todas as fases do planeamento, é garantida uma experiência responsável e alinhada com os valores da sustentabilidade.

3. Elementos e critérios de segunda ordem (mas pertinentes) para o planeamento de visitas participativas

3.1 Sugestões para o pessoal encarregado de orientar a visita (agricultor anfitrião e facilitador(es)).

O êxito de uma visita participativa depende, em grande medida, da preparação e do desempenho do pessoal encarregado de guiar os visitantes. Os guias ou facilitadores não são apenas a ponte entre os visitantes e a experiência, mas também são responsáveis por assegurar que as atividades são educativas e dinâmicas. A sua formação, competências interpessoais e atitude positiva são elementos-chave para criar uma experiência enriquecedora e memorável.

Geralmente, os facilitadores, incluindo o anfitrião, têm um conhecimento teórico e/ou empírico sólido e bem fundamentado das questões a abordar. Como ponto de partida para a visita, é importante que o anfitrião/facilitador contextualize a condição histórica do local; aprofunde a sua caracterização etnográfica; a ecologia do ambiente; as tradições culturais locais e o funcionamento do sistema agroalimentar da região.

Os facilitadores devem dominar a gestão da agroecossistema, desde as técnicas de cultivo e práticas sustentáveis até à interação com os recursos naturais. Os guias devem também possuir competências em gestão de grupos e comunicação, que utilizem uma linguagem clara e adaptada aos diferentes níveis de conhecimento dos visitantes. A capacidade de transmitir informações de uma forma compreensível e cativante é crucial para captar o interesse dos participantes e garantir a aprendizagem.

O guia deve também ter a capacidade de tornar a visita dinâmica, transformando-a numa experiência interativa, através de perguntas abertas, discussões guiadas e exercícios de brainstorming. Por exemplo, durante uma visita às culturas, o guia pode perguntar aos visitantes sobre as suas próprias experiências com plantas ou alimentos, promovendo um diálogo construtivo. Esta interação não só torna a visita mais interessante, como também enriquece a aprendizagem ao incorporar as perspetivas e os conhecimentos dos participantes. Assim, os guias devem ser capazes de criar uma atmosfera de confiança, na qual os visitantes se sintam confortáveis e seguros para expressar as suas opiniões e fazer perguntas.

A empatia e a adaptabilidade são qualidades fundamentais de um guia, uma vez que cada grupo de visitantes é único e pode manifestar expectativas, ritmos e necessidades diferentes. É importante que os guias sejam sensíveis às características do grupo e que adaptem os seus métodos, o tipo de explicações que preparam, o tempo que dedicam a cada atividade e a intensidade da visita em conformidade. Por exemplo, um grupo de jovens aprendizes pode necessitar de atividades mais dinâmicas, enquanto um grupo de agricultores pode preferir concentrar-se em discussões mais técnicas.

Por último, os guias devem estar preparados para lidar com acontecimentos imprevistos, tais como alterações súbitas das condições meteorológicas ou o aparecimento de questões não planeadas, mantendo uma atitude positiva e resoluta face a estas surpresas. Esta flexibilidade permite que a experiência seja inclusiva e

satisfatória para todos os visitantes, independentemente dos seus antecedentes, interesses ou formação anterior.

3.2 Considerações das partes interessadas

A identificação dos atores do território e o seu envolvimento no processo de visitas participativas é de grande importância. A sua participação em atividades conjuntas com agricultores, consumidores e pessoas do município permite que todos estes atores se conheçam, interajam e discutam questões que lhes dizem respeito a todos.

É importante integrar as principais partes interessadas no território, numa proporção de 3 a 5 pessoas num total de 20. Estas partes interessadas podem incluir decisores políticos, ativistas, promotores de sustentabilidade, gestores de cozinha (chef e pessoal de compras) em escolas e hospitais, proprietários de restaurantes, presidentes de grupos de consumidores, produtores, etc., bem como vários membros da comunidade local, que podem desempenhar um papel fundamental no planeamento, implementação e avaliação destas atividades. A sua participação garante que as visitas sejam relevantes, inclusivas e alinhadas com as necessidades e expectativas de todas as partes interessadas.

Como passo prévio à visita participativa, é importante mapear e reconhecer as partes interessadas. Para isso, é necessário realizar reuniões prévias com o agricultor ou proprietário da exploração e a sua rede de contactos. A inclusão ativa dos atores na planificação das visitas pode maximizar o impacto positivo destas últimas, uma vez que conhecem bem o território e as comunidades que o habitam

Na mesma linha, a comunidade local pode trazer uma perspetiva cultural e social para o planeamento das visitas, sugerindo formas de integrar as tradições locais ou promover os valores da comunidade durante as visitas. A integração das partes interessadas ao longo de todo o processo da visita permite também recolher o seu feedback direto, o que torna visíveis os aspetos a melhorar e abre novas oportunidades para atividades futuras. Esta abordagem inclusiva promove relações positivas entre as diferentes partes interessadas, reforça a coesão social e fomenta um modelo de desenvolvimento comunitário sustentável.

3.3 Lista de sugestões para visitas participativas

- Proceder a uma avaliação detalhada do espaço físico disponível para as atividades da visita. Analisar as dimensões do local, as condições do terreno e a sua capacidade para receber grupos de visitantes sem comprometer a segurança e o conforto, considerando um máximo de 20 pessoas.
- Não ultrapassar o número máximo de 20 pessoas por grupo, pois permite manter um ritmo constante e dinâmico durante a visita de exploração; possibilita também que todos ouçam e vejam com clareza e calma as explicações que são dadas durante a atividade.

- Para as atividades práticas, é sempre melhor dividir o grupo em grupos mais pequenos de 5 pessoas para formar equipas de trabalho.
- Ter um espaço fechado que possa acolher confortavelmente estas 20 pessoas.
- Dispor de um espaço de discussão final, de avaliação e de exercícios de facilitação, em que as pessoas tenham a possibilidade de explicar e intervir, dando-lhes o tempo necessário para discutir e apresentar soluções e/ou ideias que contribuam para a melhoria do território e/ou do trabalho de grupo.

Um exemplo de tempo atribuído numa visita participativa (VP) pode ser o utilizado por nós durante a implementação do projeto GrowLIFE, em que cada (VP) tem uma duração máxima de cinco (5) horas, distribuídas da seguinte forma:

- Dinâmica de boas-vindas e apresentações
- Explicação do programa da atividade e distribuição dos materiais
- Visita guiada pelo agricultor anfitrião
- Pausa para café
- Apresentação de conceitos-chave e possíveis projeções do trabalho observado/partilhado

Num contexto em que a tecnologia desempenha um papel cada vez mais importante, a sua utilização estratégica pode enriquecer significativamente a experiência das visitas participativas. Ferramentas como aplicações móveis, guias áudio ou sistemas de realidade aumentada podem fornecer informações adicionais, permitir que os visitantes explorem pormenores específicos ao seu próprio ritmo e complementar as explicações do anfitrião. No entanto, é fundamental que estas tecnologias não substituam ou interfiram com a interação direta, que é um dos principais pontos fortes destas atividades. A tecnologia deve ser vista como um apoio, e não como um substituto, para promover o diálogo e a aprendizagem em colaboração.

4. Acompanhamento e verificação: métodos de avaliação da qualidade das visitas.

Para levar a cabo o processo de avaliação das visitas participativas e determinar a sua eficácia e impacto, é essencial dispor de instrumentos que recolham informações sobre as perceções, experiências e sugestões das diferentes partes interessadas. De seguida, apresentam-se alguns métodos-chave para realizar esta avaliação.

4.1 Inquéritos aos visitantes

Os inquéritos, aplicados durante ou no final da visita, são uma forma simples e direta de obter a opinião dos participantes. Idealmente, cada pessoa deve poder partilhar a sua experiência, através de perguntas sobre o que gostou, o que mudaria e até que ponto achou a atividade útil. Para obter melhores respostas, recomenda-se que se misturem perguntas fechadas (com opções de resposta) e perguntas abertas (que exijam uma resposta escrita).

4.2 Inquéritos pós-visita

Em alternativa, os inquéritos podem ser enviados alguns dias após a visita. Isto permite aos participantes refletir com mais calma sobre o que aprenderam e como a experiência da visita os influenciou. Estes inquéritos podem ser enviados para pôr correio eletrónico ou através de plataformas online, o que facilita a participação e ajuda a recolher um maior número de respostas.

Inquérito 1: Exemplo de inquérito pós-visita

Caro visitante,

Obrigado por ter participado na nossa visita participativa. Para nos ajudar a melhorar as nossas experiências futuras, por favor, dedique alguns minutos a preencher este inquérito.

1. informações gerais

- Data da visita: [_____]
- Tipo de visitante:
 - Estudante
 - Agricultor
 - Setor profissional
 - Outros: [_____]

2. Avaliação da visita

- a. Organização geral da visita:

Excelente

Bom

Regular

Mala

● **b. Qualidade da informação fornecida:**

Excelente

Bom

Regular

Mala

● **c. Interação com o pessoal de exploração:**

Excelente

Bom

Regular

Mala

● **d. Infraestruturas e equipamentos:**

Excelente

Bom

Regular

Mala

3. Conteúdo da visita

● **a. Que temas foram mais interessantes para si?**

Gestão das culturas

Técnicas de irrigação

Utilização de máquinas agrícolas

Práticas sustentáveis

Outros: [_____]

● **b. Considera que a informação recebida será útil para a sua atividade ou para o seu conhecimento pessoal?**

Sim

- Não
- Não tenho a certeza

4. Satisfação global

- a. Recomendaria esta visita a outras pessoas?
 - Sim
 - Não
- b. Como classificaria a sua satisfação global com a visita?
 - Muito satisfeito
 - Satisfeito
 - Insatisfeito
 - Muito insatisfeito

5. Comentários e sugestões

- a. Que aspetos considera que podemos melhorar?
[_____]
- b. Comentários adicionais: [_____]

Obrigado pelo seu tempo e pelas suas opiniões. O seu feedback é muito importante para nós

4.3 Entrevistas ou grupos de reflexão

A organização de entrevistas individuais ou de grupos de discussão com um segmento de visitantes oferece uma visão mais profunda da sua experiência. Este método permite-nos explorar tópicos específicos, tais como dinâmicas de aprendizagem ou áreas a melhorar, e obter informações mais detalhadas do que as que podemos recolher através de um inquérito.

Os grupos de discussão, em particular, promovem a troca de ideias e enriquecem a análise, pelo que podem ser uma boa opção para avaliar o impacto das visitas.

As principais diferenças entre os dois instrumentos são apresentadas a seguir, com base no texto de Aaker (1990) e Dias (2000):

Fator	Grupo de discussão	Entrevista individual
Interação no grupo	A interação está presente e estimula novas ideias.	Não há interação no grupo, pois a entrevista é apenas entre o entrevistado e o entrevistador.
Influência	As respostas podem ser "contaminadas" pela opinião de outros participantes.	Não há influência de outras pessoas.
Temas Sensíveis	Alguns participantes podem sentir-se constrangidos pela presença de várias pessoas desconhecidas.	Desde que se sinta à vontade com o entrevistador, é mais fácil falar de questões controversas com uma única pessoa.
Quantidade de informação	É possível obter uma grande quantidade de informações num curto espaço de tempo e a um custo relativamente baixo.	É possível obter uma grande quantidade de informação. No entanto, isto requer muito mais tempo e custos mais elevados.
Ordem de trabalhos da reunião	Pode ser difícil conciliar os horários de tantas pessoas.	É muito mais fácil marcar entrevistas individuais.

Quadro 1: Diferenças nas formas de avaliação das visitas participativas

4.4 Entrevistas com os principais visitantes

Entrevistar alguns visitantes, como peritos ou representantes de grupos de interesse relevantes, proporciona uma visão especializada da qualidade e do impacto das visitas. Estes participantes têm muitas vezes uma opinião técnica ou profissional, que pode ajudar os organizadores a ajustar e melhorar as atividades de acordo com padrões de qualidade mais elevados.

4.5 Feedback entre anfitriões e guias

Os anfitriões e guias são uma fonte valiosa de feedback, uma vez que interagem diretamente com os visitantes e estão em contacto com as suas recções em tempo real. A recolha dos seus comentários permite-nos avaliar a sua perceção do sucesso das atividades e conhecer os desafios que enfrentaram durante a execução das atividades.

Uma forma simples de estruturar o feedback de acordo com a atividade realizada é apresentada no quadro seguinte.

Aspeto do feedback	Descrição	Exemplo de Perguntas ou Indicadores
Preparação e logística	Avaliar o planeamento e a adequação dos recursos e infraestruturas utilizadas durante a visita.	<ul style="list-style-type: none"> Os recursos estavam prontos e em boas condições? Os horários previstos no itinerário foram cumpridos?
Conhecimento Técnico	Analisar a profundidade e a clareza dos conteúdos apresentados pelos guias e anfitriões.	<ul style="list-style-type: none"> O anfitrião conseguiu responder às perguntas dos visitantes? O conteúdo foi relevante e adequado ao público-alvo?
Competências de comunicação	Avaliar a clareza, o entusiasmo e as competências interpessoais dos guias na interação com os visitantes.	<ul style="list-style-type: none"> A informação fornecida foi clara e fácil de compreender? Foram utilizados exemplos práticos para explicar os conceitos?
Gestão de grupos	Observar como foi gerida a dinâmica dos visitantes, promovendo a participação e a atenção do grupo.	<ul style="list-style-type: none"> A interação e a participação ativas dos visitantes foram incentivadas? O tempo do grupo foi gerido de forma eficaz?
Sustentabilidade e ética	Avaliar o empenhamento em práticas sustentáveis e éticas durante a visita.	<ul style="list-style-type: none"> Os protocolos de sustentabilidade foram respeitados? O anfitrião promoveu o respeito pelo ambiente natural?
Adaptabilidade	Medir a capacidade do anfitrião para ajustar o programa em caso de acontecimentos imprevistos ou de necessidades do grupo.	<ul style="list-style-type: none"> O anfitrião foi flexível face a alterações de última hora? Conseguiu satisfazer as necessidades dos visitantes de uma forma personalizada?
Atitude e empatia	Analisar o nível de simpatia, respeito e empatia demonstrado para com os visitantes.	<ul style="list-style-type: none"> Os anfitriões mostraram-se disponíveis para ajudar? Os visitantes sentiram-se bem-vindos e valorizados?
Feedback direto	Integrar as opiniões e observações dos anfitriões sobre o desenvolvimento geral da atividade.	<ul style="list-style-type: none"> Que aspetos do evento poderiam ser melhorados? Qual foi a perceção do nível de satisfação do grupo?

Quadro 2: Exemplo de validação e descrição e/ou indicadores para os anfitriões

4.6 Avaliação interna da equipa

Uma das práticas que contribui para o sucesso das visitas é a avaliação regular do desempenho da equipa responsável pelas visitas. Este processo envolve a análise de aspetos como a clareza das explicações dadas aos participantes, a capacidade de dinamização e a gestão do grupo. Esta avaliação deve ser construtiva, ou seja, deve centrar-se na identificação de oportunidades de melhoria e no reforço das boas práticas.

Aspeto de Avaliação	Descrição	Indicadores ou Perguntas-Chave
Conhecimentos Técnicos	Avalia a preparação da equipa nos temas abordados durante as visitas.	<ul style="list-style-type: none"> A equipa domina os conceitos relevantes? - É capaz de responder às perguntas técnicas dos visitantes?
Competências de comunicação	Analisa a habilidade do pessoal para transmitir informações de forma clara e eficaz.	<ul style="list-style-type: none"> - A comunicação foi clara e adequada ao nível da audiência? - Foram utilizados exemplos práticos para explicar as ideias?
Gestão de grupos	Observar a forma como o indivíduo gere a dinâmica do grupo e incentiva a participação.	<ul style="list-style-type: none"> O grupo manteve-se envolvido e interessado durante as actividades? Os horários do itinerário foram respeitados?
Atitude e empatia	O pessoal está disponível para atender às necessidades dos visitantes e às suas relações interpessoais.	<ul style="list-style-type: none"> A equipa foi simpática e respeitadora? Mostrou interesse pelas preocupações dos participantes?
Adaptabilidade	Avalia a capacidade para lidar com imprevistos e ajustar as atividades às necessidades do grupo.	<ul style="list-style-type: none"> Foram efetuados ajustamentos eficazes face a mudanças inesperadas? A equipa lidou bem com situações críticas?
Cumprimento dos protocolos	Verificar se o pessoal cumpriu os regulamentos de segurança e sustentabilidade estabelecidos.	<ul style="list-style-type: none"> Foram adotadas medidas de segurança durante a visita? Foi promovido o respeito pelo ambiente natural?
Trabalho em equipa	Analisa a coordenação e a colaboração entre os membros da equipa responsável pela visita.	<ul style="list-style-type: none"> A equipa trabalhou de forma coesa? Houve uma distribuição clara de papéis e tarefas?

Quadro 3: Considerações sobre a avaliação interna

4.7 Reuniões regulares

A realização de reuniões regulares entre organizadores, guias e outras pessoas envolvidas é uma estratégia eficaz para analisar os resultados das visitas, partilhar aprendizagens e planear ajustamentos. Estas reuniões devem basear-se nos dados recolhidos através dos métodos acima descritos e devem ser orientadas para a resolução de problemas e para a inovação. Esta abordagem colaborativa garante que toda a equipa está alinhada com os objetivos e empenhada na melhoria contínua.

Aspeto da Reunião	Descrição	Perguntas-Chave ou Atividades
Objetivo da reunião	Defina o objetivo específico da reunião, como a avaliação do desempenho, a discussão de melhorias ou o planeamento de atividades futuras.	<ul style="list-style-type: none"> • Qual é o principal objetivo da reunião? • Que resultados se esperam obter no final?
Frequência	Determinar a regularidade das reuniões (mensal, trimestral, etc.).	<ul style="list-style-type: none"> • A frequência é suficiente para abordar as questões importantes? • Coincide com os ciclos de atividade?
Participantes-Chave	Identificar os membros que devem ser envolvidos, tais como anfitriões, guias, pessoal de apoio e coordenadores.	<ul style="list-style-type: none"> • São convidados todos os principais decisores? • Estão incluídos representantes de diferentes funções?
Agenda predefinida	Elaborar uma ordem de trabalhos com os temas a abordar e distribuí-la antecipadamente aos participantes.	<ul style="list-style-type: none"> • A ordem de trabalhos abrange todos os aspetos necessários? • Foi distribuída com tempo suficiente?
Revisão dos indicadores	Analisar os principais indicadores relacionados com as visitas participativas, tais como a satisfação dos visitantes e a eficiência operacional.	<ul style="list-style-type: none"> • Os objetivos estabelecidos foram atingidos? • Que indicadores revelam áreas a melhorar?
Espaço para feedback	Proporcionar aos participantes a oportunidade de partilharem experiências, preocupações e sugestões.	<ul style="list-style-type: none"> • Que aspetos considera que funcionaram bem? • Que problemas foram identificados?
Resolução de problemas	Discutir e apresentar soluções para os desafios identificados durante as visitas.	<ul style="list-style-type: none"> • Que ações concretas serão implementadas para resolver os problemas?
Planear as	Estabelecer ações claras e	<ul style="list-style-type: none"> • Que tarefas foram

próximas etapas	responsáveis para o período que se segue.	atribuídas e a quem? <ul style="list-style-type: none">• Quais são os prazos para essas tarefas?
Atas e Acompanhamento	Documentar os acordos alcançados e dar seguimento a futuras reuniões.	<ul style="list-style-type: none">• Foram tomadas notas claras sobre os acordos?• Haverá um seguimento na próxima reunião?

Quadro 4: Considerações sobre a preparação das visitas participativas

5. Ejemplos de programas de Visitas Participativas

Os programas de visitas participativas provaram ser instrumentos eficazes para educar, inspirar e ligar os visitantes e os agricultores à realidade das explorações agrícolas, pecuárias e florestais. Através da implementação de atividades cuidadosamente concebidas, estas visitas não só promovem a aprendizagem, como também sensibilizam para a importância das práticas sustentáveis e reforçam os laços entre as comunidades rurais e urbanas. Seguem-se exemplos de casos de sucesso e de atividades que se destacaram pelo seu impacto, a começar pelas visitas participativas realizadas no âmbito do projeto GrowLIFE.

Durante os últimos dois anos, realizámos visitas participativas a agricultores em várias regiões de Portugal. Para dar início a estas visitas, tomámos como referência um grupo de 15 produtores (anfitriões), parceiros do projeto GrowLIFE, que trabalham em agricultura biológica certificada. Graças à sua participação, pudemos organizar encontros onde os participantes observaram diretamente práticas agrícolas sustentáveis, abrangendo uma diversidade de culturas, tais como hortícolas, leguminosas, árvores de fruto, vinhas e bagas.

Estas experiências têm sido muito enriquecedoras e transformadoras. Em cada uma delas, pudemos co construir a história e definir o percurso a destacar, permitindo que outros agricultores, visitantes, partes interessadas e o público em geral conhecessem em primeira mão os ciclos das culturas agrícolas e as práticas fundamentais da agricultura biológica e da agroecologia.

Durante as visitas participativas, cada agricultor (anfitrião) partilhou as estratégias que utiliza para otimizar os recursos locais, abordando diferentes áreas relevantes como a compostagem, a conservação de sementes, os adubos verdes e a gestão ecológica de pragas e doenças. Estas práticas não só reforçam a sustentabilidade da sua produção, como também promovem a autonomia e a resiliência na gestão das suas culturas, contribuindo para reduzir os efeitos das alterações climáticas na sua atividade produtiva.

Um dos aspetos mais relevantes destas visitas foi a disponibilidade e o apreço dos participantes. É de salientar o profundo interesse que demonstraram por este tipo de atividades e pela compreensão dos ciclos agrícolas em primeira mão. Estas experiências favoreceram também a aprendizagem coletiva e a criação de espaços de diálogo muito enriquecedores. No final de cada atividade, as conversas entre os diferentes atores do território foram muito frutuosas e propositivas. Estes intercâmbios favoreceram a interação entre agricultores, técnicos, consumidores e outros atores-chave, gerando um importante fluxo de conhecimentos, favorecendo a formulação de propostas e estimulando a procura de soluções conjuntas para os desafios da gestão territorial, o que contribuiu para a cooperação e o bem-estar da comunidade.

Numa quinta de produtos hortícolas biológicos em Espanha, foi concebido um programa em que os visitantes participaram em atividades práticas como a sementeira de sementes, a irrigação manual e a identificação de pragas sem a utilização de produtos químicos. Também tiveram a oportunidade de aprender sobre a rotação de

culturas e as formas como esta técnica melhora a fertilidade do solo. Este programa não só educou os participantes sobre as práticas de agricultura biológica, como também promoveu neles um maior apreço pelo esforço humano que é necessário para cultivar alimentos biológicos. No final da visita, os participantes levaram para casa um pequeno cabaz de produtos frescos, consolidando a sua experiência com um produto tangível que lhes servirá de alimento.

Outro exemplo que gostaríamos de destacar neste espaço, ocorreu no âmbito de visitas participativas desenvolvidas em ambientes florestais no Brasil. Numa reserva florestal tropical, foi implementado um programa para ensinar as comunidades locais e os turistas sobre reflorestação. Durante as visitas, os participantes aprenderam sobre a biodiversidade do local e plantaram árvores nativas, tornando-se uma parte ativa dos esforços de recuperação ambiental em curso na região. O programa incluiu caminhadas guiadas, observação de aves e workshops que abordaram a importância das florestas e a forma como estas contribuem para a atenuação do aquecimento global. Esta iniciativa teve um impacto significativo, envolvendo diretamente os visitantes em ações de conservação e educando-os sobre o impacto das alterações climáticas, a biodiversidade local e a importância da reflorestação.

Noutras partes do mundo, como a Bolívia, as iniciativas apoiadas pelo Banco Mundial centraram-se em práticas agrícolas sustentáveis, como a diversificação das culturas e a conservação dos solos, permitindo aos visitantes aprender em primeira mão como estas estratégias melhoram a segurança alimentar e a qualidade de vida dos produtores. Do mesmo modo, na Amazônia peruana, foram desenvolvidos programas florestais comunitários, combinando visitas participativas com workshops educativos sobre reflorestação e utilização sustentável dos recursos florestais. Estas experiências foram promovidas por organizações como a OTCA (Organização do Tratado de Cooperação Amazónica).

Na mesma linha, há o caso da região de Maule, no Chile, onde são desenvolvidos programas de turismo agrícola que permitem aos visitantes interagir com pequenos produtores locais, participar nas colheitas e aprender sobre a elaboração de produtos como o vinho e o azeite, promovendo a valorização das tradições camponesas.

Alguns dos itinerários de sucesso descritos neste guia implementam frequentemente programas que combinam atividades educativas e práticas com atividades recreativas e eventos. Estes casos e atividades demonstram como as visitas participativas, quando bem concebidas e executadas, podem cumprir objetivos educativos, sociais e ambientais, contribuindo simultaneamente para reforçar a ligação entre produtores e consumidores.

6. Recursos adicionais

Para enriquecer as visitas participativas e promover uma aprendizagem mais profunda, é importante dispor de recursos adicionais que forneçam informações relevantes sobre sustentabilidade e práticas responsáveis. Estes recursos não só alargam os conhecimentos dos participantes, como também reforçam o impacto educativo das visitas, promovendo valores de conservação, responsabilidade ambiental e turismo sustentável.

6.1 Organizações que promovem a sustentabilidade

Existem numerosas organizações internacionais, nacionais e locais que trabalham para promover a sustentabilidade e o desenvolvimento responsável. Estas instituições podem fornecer materiais, programas de formação e até oportunidades de colaboração. Exemplos proeminentes incluem a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), que promove práticas agrícolas sustentáveis, e a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), que trabalha para preservar a biodiversidade.

A nível local, as cooperativas agrícolas ou as associações de desenvolvimento rural podem também ser uma fonte valiosa de informação e apoio. É importante incluir referências a estas organizações nas visitas, uma vez que isso permite dar-lhes a conhecer e ligar os participantes a redes mais alargadas ligadas à sustentabilidade.

6.2 Ligações a plataformas de turismo sustentável

O turismo sustentável é uma ferramenta poderosa para aumentar a consciencialização e promover o desenvolvimento local sem danificar os recursos naturais ou culturais. Entre as plataformas proeminentes nesta área contam-se a Travelife, o Global Sustainable Tourism Council (GSTC) e a EcoTourism.org, que oferecem guias, certificações e recursos para compreender como integrar a sustentabilidade nas atividades turísticas. Proporcionar aos visitantes o acesso a estas ligações pode inspirá-los a aplicar os princípios do turismo sustentável nas suas próprias experiências e viagens, reforçando a ligação entre a prática e a aprendizagem.

6.3 Materiais didáticos para aprofundar a compreensão das práticas sustentáveis

A aprendizagem não deve terminar com a visita participativa. É essencial que os visitantes possam continuar a explorar os temas abordados, e devemos inspirá-los e encorajá-los a fazê-lo. Para o efeito, é útil fornecer materiais educativos, como brochuras, guias, vídeos ou ligações a recursos digitais. Através destes materiais, podem ser abordados temas como a gestão de resíduos, técnicas de agricultura regenerativa, eficiência energética nas explorações agrícolas e conservação da biodiversidade. Para além disso, podem ser recomendados livros ou documentários de destaque para inspirar e educar, de modo que os participantes possam aprofundar os tópicos já abordados ou abordar os que ficaram pendentes. A disponibilização destes recursos incentiva a aprendizagem contínua e o envolvimento com a sustentabilidade para além da visita participativa.

To conclude this guide, here are some links to educational materials, methodological guides, tools, and suggestions for the development of participatory visits:

1. Visitas de intercâmbio: conselhos para aumentar o seu impacto (FAO): <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/5f0b63b6-6eee-44bd-8d19-2fd613cc429a/content>
2. Manual de Metodologias Participativas para Iniciativas Agroecológicas (Onda Rural): <https://ondarural.org/ondarural.org/manual-de-metodologias-participativas-para-iniciativas-agroecologicas>
3. Articulação Nacional de Agroecologia (Brasil): <https://agroecologia.org.br/>

7. Referências bibliográficas

Aaker, D. (1990). Marketing research.

AECID. (2019). Manual de gestión territorial para proyectos rurales. Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo. Recuperado de

ATTRA. (2021). Measuring success in agricultural education programs. ATTRA - Sustainable Agriculture. Recuperado de <https://attra.ncat.org>

Burch, B. (2020). Regenerative grazing and community learning: Case studies from Mississippi. ATTRA - Sustainable Agriculture. Recuperado de <https://attra.ncat.org>

Dias, C. A. (2000). Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade*, 10(2).

FAO. (2017). Sustainable food and agriculture: An integrated approach. FAO. Recuperado de <https://www.fao.org>

FAO. (2021). Land and natural resources management in sustainable agriculture. FAO. Recuperado de <https://www.fao.org>

Fundación Biodiversidad. (2021). Turismo sostenible en el medio rural: Una guía práctica. Recuperado de <https://fundacion-biodiversidad.es>

Fundación Triodos. (2021). Promoviendo la economía circular: Ejemplos de éxito en turismo agrícola en España. Fundación Triodos. Recuperado de

Guedes, F., Arrais, A., Falbo, G. & Prado, H. (2012). A opinião do estudante de medicina diante de uma visita médica estruturada com sessão pós-visita nas enfermarias de pediatria de um hospital escola do nordeste do Brasil.

Lee, E. L. (2018). Technological innovations in sustainable agroecosystems. *Agricultural Technology Research*, 25(3), 78-95.

Mintzberg, L. L. (2005). Leadership and sustainability in tourism education programs. *Journal of Sustainable Tourism*, 13(2), 123-139.

Organización Mundial del Turismo. (2018). Turismo sostenible para el desarrollo: Guía práctica para destinos turísticos. OMT. Recuperado de

Organización Mundial del Turismo. (2020). Manual de evaluación de experiencias turísticas sostenibles. OMT. Recuperado de <https://www.unwto.org>

Subdirección Nacional de Museos (2018). Encuesta de Satisfacción de Usuarios 2017.

Triodos Bank. (2020). Prácticas sostenibles en la agricultura y el turismo participativo. Recuperado de <https://www.triodos.es>

TurEspaña. (2020). Manual de formación para guías turísticos en turismo rural. Ministerio de Industria, Comercio y Turismo. Recuperado de <https://www.spain.info>

Ziegler, A. S. (2019). Digital tools and biodigesters for sustainable farming: A practical guide. *Journal of Environmental Sustainability*, 30(1), 45-60.

8. Anexos

Cartazes de sinalização:



